

BOLETIM

Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae
São Paulo - Setor de Publicações - Ano III nº 9 Setembro - Outubro de 1992

PONTO DE VISTA

A teoria das pulsões em Freud e a questão da toxicomania

Resumo da dissertação de Mestrado apresentada no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Banca examinadora: Geraldo José de Paiva (orientador), Luiz Carlos Nogueira e Gilberto Safra.

A teoria das pulsões - e seus desenvolvimentos na obra de Freud - é tomada como um eixo metapsicológico através do qual abordo a clínica da toxicomania, em quatro momentos sucessivos.

Levanto, inicialmente, a hipótese de que o prazer experimentado no uso de drogas pode ser compreendido sob a ótica do processo primário e do princípio do prazer. Discuto as implicações dessa hipótese e seus problemas, especialmente quanto ao conceito de "realidade" em psicanálise.

Em seguida, trabalhando com a primeira teoria das pulsões, aponto a "perversão" da pulsão que está presente na toxicomania. Esta perversão comporta dois aspectos: fixação exacerbada ao objeto e transposição do registro do desejo para o da necessidade.

No terceiro momento, relaciono a toxicomania com a teoria do narcisismo. Quanto ao narcisismo primário, examino o desejo de "retorno" à relação indiferenciada com o objeto primário, subjacente à toxicomania. Quanto a uma abordagem estrutural do narcisismo, estudo as implicações da impossibilidade de luto de uma perda arcaica e sua relação com a falta constitutiva do su-

jeito psíquico.

Abordo, por fim, a segunda teoria das pulsões de Freud, investigando a participação da pulsão de morte na toxicomania. A partir do modelo da compulsão repetitiva, sugiro um elemento de elaboração e criatividade presentes na compulsão adictiva, resgatando o valor positivo da ilusão. Destaco, também, a importância da articulação entre teoria do narcisismo e segunda dualidade pulsional, especialmente para uma revisão do conceito de "perversão" e sua imbricação com as adições. Trabalho então os aspectos destrutivos presentes na toxicomania, particularmente quanto ao desmantelamento da organização e funcionamento psíquicos.

Pôde-se, através desses elementos, discriminar "níveis" diferentes de toxicomania em que predomina mais um ou outro tipo de funcionamento psíquico. As diversas configurações metapsicológicas de Freud revelaram aspectos diferentes da toxicomania, daí a fecundidade de utilizar esses diversos modelos de maneira complementar.

Décio Gurfinkel

EDITORIAL

Jassanan Pastore e Ana Maria Leal, respondendo a solicitação do Boletim, produziram dois trabalhos interessantes sobre os temas apresentados pelos psicanalistas Bernard Penot e Lasnik Penot que estiveram entre nós em agosto. Ainda neste número convidamos dois colegas do Departamento, Elisa Ulhôa Cintra e Décio Gurfinkel, a publicarem o resumo de suas Dissertações de Mestrado.

Ao lado das dificuldades administrativas do Departamento, expressas nos textos da Comissão Coordenadora Geral e do Setor Clínica, resolvemos ressaltar a produção psicanalítica do Departamento porque sem ela os esforços para mantê-lo em funcionamento perderiam o sentido.

Cabe ainda ressaltar que, apesar do nosso pedido, os textos encaminhados ao Boletim continuam longos o que foge aos nossos critérios editoriais, quer seja por economia, quer seja pela agilidade que o próprio veículo exige. A expressão das diferenças e o exercício da simplicidade são sempre bem vindos.

*Anna Correia
Eva Wongtschowski*

PUNTO DE VISTA

Melanie Klein: raízes de um pensamento

Resumo da dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC - SP.
 Banca examinadora: Luiz Roberto Monzani, Gilberto Safra e Renato Mezian.

A dissertação teve como objeto de análise textos e teorias desenvolvidos no seio da literatura psicanalítica de 1900 a 1927. Trata-se de realizar uma pesquisa histórica e visou a reconstrução de alguns conceitos e noções das várias teorizações psicanalíticas com o objetivo de chegar a uma melhor compreensão destes conceitos e das diferenças entre vários pensamentos que se articulavam em torno de uma questão ou nojo da mesma problemática.

Partindo de indicações bibliográficas de Melanie Klein, estudei teorias de Abraham, Ferenczi, Jones, Stekel e Alexander. Meu objetivo foi também refazer o caminho de

construção da metapsicologia Kleiniana, comparando-a com a metapsicologia freudiana. O levantamento bibliográfico das obras consultadas por Melanie Klein teve o objetivo de estabelecer quais foram as raízes teóricas que serviram de fundamento às suas teorias.

Os textos de Melanie Klein analisados foram: *O Desenvolvimento de uma Criança, O Papel da Escola no Desenvolvimento Libidinal da Criança, Análise de Crianças Pequenas, Uma Contribuição à Psicogênese dos Tiques, Princípios Psicológicos da Análise Infantil, Simpósio sobre Análise Infantil.*

A partir destes escritos pesquisei temas como: angústia na teoria e na clínica, o complexo de castração articulado ao tema da inveja, a concepção de aparelho psíquico e de sexualidade, o fenômeno das inibições intelectuais, o conceito de significado sexual simbólico, fantasias masturbatórias, fantasias como estruturantes do psiquismo, relações de objeto parcial, gênese do conceito de superego precoce. Investiguei as relações entre as formulações kleinianas e aquelas de seus antecessores e contemporâneos.

Elisa Maria Ulhôa Cintra

CARTAS

gostaria de parabenizar toda a equipe do Boletim pela excelente edição do nº 8 março-abril de 1992. Do ponto de vista editorial, o Boletim cumpre sua fundamental função de dar expressão e interligar as diversas atividades dos Seteares fazendo emergir de forma viva e palpante um contorno móvel e não estático, e isso mesmo sólido, da identidade deste Departamento de Psicanálise.

Neste momento político tão conturbado, no qual todos os fundamentos estão em cheque, suspensos para serem, após exame paciente e detalhado, derrubados ou consolidados, a forma com que se deram os depoimentos, informes e debates neste último Boletim reafirmaram para mim, mais uma vez, que o esforço democrático da exposição do conflito, da tomada de decisões, do debate levado às últimas consequências, invés de levar ao caos desorganizador e destrutivo, em muitas vezes podemos ter a impressão, e a única possibilidade de sustentação de um trabalho em constante criação e renovação. A impressão de desorganização e destruição ou a confusão entre democracia e semelismo levou muitas pessoas a exprimirem uma certa nostalgia pelo poder patriarcal ou o anseio por um poder patriarcal, centralizador, que pudesse dar um rumo ao movimento do Departamento. Pessoalmente penso que o caos só é vivido como desorganizador e destrutivo se o desejo de poder e reconhecimento prevalece. Aí é o campo bem conhecido da competição dos "eus", o campo do narcisismo. Ao contrário disso, se o desejo de criação, potência e renovação prevalece, bem como prevalece o desejo de reconhecimento pelo trabalho criador, o caos é vivido, ao

contrário, como o lugar do múltiplo e da criação, onde as pessoas são reconhecidas e revestidas de autoridade pelo seu trabalho, sem serem, por isso mesmo, revestidas de poder autoritário.

Quando isso acontece, quando os tempos de permanência das pessoas nas funções se dão mais pela difícil combinação entre o tempo necessário de respeito à produção coletiva já realizada e o tempo singular do desejo de mudança pelo esgotamento, temporário ou não, da possibilidade criativa numa determinada função, não precisamos nos preocupar tanto ou investir tanto imaginariamente de poder e arbitrariedade os lugares institucionais.

É por essa via que eu desejo ver o Departamento caminhando, apesar de saber que não é uma via fácil e sim de árduo trabalho psíquico singular bem como coletivo. Pois penso que as melhores realizações individuais, a dues ou coletivas, ocorrem quando se consegue ultrapassar as considerações em torno do poder fálico e as agruras edípicas. O boletim nº 8 constitui

uma prova do gozo inesperado de liberdade que podemos usufruir indo por este caminho.

Percebi um trabalho de revisão cuidadoso neste número do Boletim. Por isso tomo a liberdade de ressaltar dois erros de revisão pelas evocações de sentido que propiciam em relação aos debates e episódios envolvendo a revista *Perecurso*, no ano de 1991:

- 1) No artigo da Maria, no lugar de "esquema de distribuição precário" temos "esquema de destruição precário".
- 2) No artigo de Slavutsky, ao apontar que o trabalho de *Perecurso* quanto à revisão precisava melhorar, ele exemplifica com a entrevista feita à Laplanche apontando "uma falha de revisão das mais graves": "*Laplanche em vez de Laplanche*". Deveria ser "*Laplace em vez de Laplanche*".

Sem mais para o momento e enviando todo o meu afeto e consideração aos membros do Boletim e aos que nele escreveram, sobretudo na referida edição.

Renata Udler Cromberg

Expediente

Conselho Editorial
 Anna Correia,
 Eva Wongschowski,
 Maria de Lourdes Caleiro Costa.
Produção Gráfica
 AD Tecnologia Gráfica Laser
 Tel.: 887-0518

Impressão
 Copiadora TekGraf
 Tel.: 872-5724
Tiragem
 400 Exemplares
Redação, Administração e Correspondência
 R. Ministro de Godoy, 1484
 CEP 05015 - São Paulo/SP
 Tel.: 262-8024

REPORTAGEM

A Recusa da Realidade na Gênese da Psicose

No dia 13/08/92 o Setor de Eventos promoveu a conferência **Recusa da Realidade** proferida pelo psicanalista francês Bernard Penot, autor do livro **Figuras da Recusa** e diretor de um hospital-dia para adolescentes em Paris. Esta conferência encerrou um conjunto de atividades de supervisão e seminário, desenvolvidas por Bernard e Marie Cristine Laznik Penot, que acrescentou-nos muitas reflexões e questionamentos na clínica da psicose.

Penot está muito envolvido com um trabalho clínico-teórico que propõe um avanço na questão do acesso possível ao simbólico, em pacientes marcados pela **forclusão, falta de simbolização, ou ainda, pela abolição simbólica.**

O autor destacou algumas idéias surgidas de sua experiência clínica com adolescentes ameaçados de descompensação psicótica, com dupla patologia: 1ª) distúrbios do pensamento, com alterações lógicas, podendo atingir diferentes formas de delírio; 2ª) perturbações da conduta, como verdadeiros delírios em ato, ou até mesmo condutas psicopáticas.

Ao se referir a tais sintomas comenta: "Como tendo sido produzidos por algo distinto de um desconhecimento, no sentido do recalqueamento, habitualmente observado nos neuróticos parece mais tratar-se de uma falha de simbolização." Recorre ao caso do **Homem dos Lobos**, 1918, em que Freud explicita a diferença radical entre o registro do recalqueamento e o registro da abolição simbólica: "Um recalqueamento é algo diferente de uma rejeição fora da realidade psíquica, fora da simbolização, rejeição que priva uma representação do seu significado possível, mas que nem por isto esta representação seria apagada, enquanto tal, como no recalqueamento." A partir daí Freud abandona o termo rejeição, recorrendo mais sistematicamente ao termo **recusa**, para designar uma recusa de significação, ou

seja, uma suspensão do julgamento que torna então uma representação imprópria para participar do jogo simbólico do sujeito.

Lacan também especificou o termo **forclusão** como constituindo uma abolição simbólica do representante paterno, sendo o mecanismo por excelência da psicotização.

Penot ressalta essencialmente duas dificuldades teóricas surgidas na psicanálise, decorrentes de um período de gestação particularmente lenta e incompleta que o conceito de **recusa da realidade** teve na obra de Freud. O primeiro mal-entendido teórico é o da relação entre o automatismo de repetição (freudiano) e a construção do fantasma no sujeito; e o segundo se refere à relação da **recusa da realidade** (Verleugnung) com a negação (Verneinung).

À partir da experiência com clientes, que apresentavam sintomatologia oriunda deste tipo de abolição simbólica, o autor verificou que os mesmos apresentavam o fenômeno da repetição; quer sob a forma de uma repetição comportamental, por parte do próprio paciente, quer sob o tipo de automatismo que é induzido nos outros.

"A construção do fantasma opera no sentido de libertar o automatismo de repetição, na medida em que o fantasma é em si mesmo transformador..."

Diferentemente do que encontramos na literatura psicanalítica, sobretudo dos anos 50 e 60, Penot afirma que a repetição atuada revela-se nestes pacientes tanto mais implacável e inevitável quanto maior for a **falta**, numa parte do aparelho psíquico, de um fantasma constituído. Isto nos coloca no sentido inverso da afirmação de que a repetição

atuada deva ser atribuída ao fantasma inconsciente que habita o sujeito. Vale lembrar aqui a profunda distinção entre delírio e fantasma, pois o fantasma consiste em colocar em uma representação imaginária o próprio sujeito numa relação com o objeto de seu desejo, sendo então uma apropriação subjetiva (fantasma narcísico primário). Assim sendo, vemos que a construção do fantasma opera no sentido de libertar o automatismo de repetição, na medida em que o fantasma é em si mesmo transformador, relativizando e subvertendo a repetição.

O segundo aspecto desenvolvido foi que a **recusa da realidade** e a **negação** são operações que se opõem radicalmente enquanto operações lógicas. Se, segundo Freud, a **recusa** consiste em uma suspensão do próprio julgamento, fica claro contrariamente que o ato de **negação** opera um tal julgamento, e constitui um modo usual de reconhecimento incompleto do recalqueado.

Penot enfatiza o conceito freudiano de **recusa** como sendo sempre **recusa da ausência**, essencialmente do pênis na mulher (**recusa da realidade da castração**). E aqui temos um ponto de orientação conceitual fundamental, pois simultaneamente Freud estabelece o processo de simbolização, como essencialmente dependente da capacidade de representar o objeto como ausente. Assim sendo, a **recusa da ausência** é um entrave básico ao processo de simbolização, demonstrando o fracasso da negação e originando a patologia.

KLEBER DE ARAÚJO MARTINS

Comunica o novo endereço e telefone de seu consultório

Rua Mainá, 67
04511 - V. Nova Comceição
Tel.: 822-7820

Foi levantada também a questão de que Freud nunca incluiu a **recusa da realidade** no catálogo das defesas do ego. Como chamar de defesa um processo no qual o próprio ego é gravemente prejudicado e até destruído? Além de uma violência traumática no presente, no atual, a dificuldade de simbolizar, que está na base de toda recusa persis-

tente no aparelho psíquico, origina-se necessariamente de alguma perturbação das relações primeiras intersubjetivas e, nas mensagens parentais,

Na prática, Penot traz ilustrações de como auxiliar o paciente na aquisição de maior **espessura fantasmática**. Salienta a importância, para o tratamento, da presença de uma equipe multidisci-

plinar, bem como dos familiares. Finalmente, chama a atenção para que o tratamento seja voltado fundamentalmente para a reconstrução, do que para a interpretação.

Jussanan A. D. Pastore

REPORTAGEM

Lasnik - Penot : a escuta como um olhar

Na programação do Setor de Eventos do Departamento de Psicanálise, recebemos Marie-Christine Lasnik-Penot, que realizou dois seminários teóricos e uma intervenção no Setor de Saúde Mental e Instituições. Christine é ligada à Associação Freudiana de Paris e, além de seu consultório, trabalha no Centro Alfred Binet, no desenvolvimento de uma clínica com crianças autistas, trabalho este que realiza há 18 anos.

Num esforço de precisão, rigor e simplicidade no uso de conceitos lacanianos, Christine nos falou de um trabalho tecido na experiência, contato e pesquisa na clínica com essas crianças, junto à presença de suas mães ou pais como desdobramento para ouvir a criança autista.

Falou-nos da escuta como um olhar. O analista como um terceiro, ao que ela remete a Freud no texto "O chiste e suas relações com o inconsciente", no sentido de juntar representação de coisa e de palavra. Christine escuta os fragmentos, as ecolalias, ladainhas, próprias da linguagem dos autistas, em sessões longas de uma hora e meia, com a presença de um observador e anotador.

E é nesse olhar e nessa escuta que encontra a possibilidade de engancher alguma coisa na cadeia significante para a criança, algo que vai constituir-la como sujeito. Mais além desses conceitos, a idéia de um investimento libidinal nesta criança tal qual "a sua majestade o bebê" de Freud; a possibilidade de se espantar, de ver e ouvir, além da ladainha. No autismo, por razões complexas

a criança não é vista e não pode ser aureolada, investida. Por isso a importância do olhar e da escuta.

Esta introdução bastante simplificada do trabalho de Christine vem ao encontro de um trabalho de supervisão que realizo há quatro anos e meio numa instituição que trabalha com crianças autistas. Embora meu trabalho não esteja diretamente ligado a elas e sim aos profissionais e pais que as atendem, muitas das falas e colocações de Christine foram de enorme sentido e muita ajuda. Trabalhamos em duas pessoas, uma na coordenação e outra na observação e anotação.

Pensando no momento em que chegamos pela primeira vez àquela instituição, e que a campanha não funcionava; ou no momento que passamos pela porta e não éramos vistas e freqüentemente tínhamos que nos dirigir a alguém para nos anunciar e éramos olhadas com uma pergunta implícita: "Quem são vocês?" Na primeira reunião feita numa sala de diretoria que ficava num corredor e as pessoas passavam por ela; do conflito pais-profissionais na procura de uma metodologia que se debatia entre o organicismo, o behaviorismo, a psicomotricidade e a psicanálise. A psicanálise um palavão para os pais e uma idealização para os profissionais - lembrei da intervenção de Christine dizendo: "As Associações de Pais de Autistas no mundo todo odeiam os psicanalistas, porque eles colocam os pais atrás das portas".

E o que tínhamos para trabalhar? Ladai-

nhas queixosas de profissionais que tudo queriam resolver e não podiam ouvir os pais, dizendo que eles atrapalhavam ou eram "loucos". Pais sem serem ouvidos, ladainhas de incompreensão que repetiam que nenhum profissional é sério ou pode resolver qualquer problema. Desconfiança. Meses a fio de repetição, movimentos de expulsão.

Nos impusemos, na supervisão, através de um setting rígido, e de uma presença e escuta que foi se tornando organizadora. Ouvíamos, eles repetiam, nós também. Principal eixo: ouvir o outro. E isso nossa presença permitia. Um papel clínico na instituição. O modelo de intervenção nos grupos era transformado na medida em que sentíamos necessidade de escutar de outros lugares. Hoje nos olham nos olhos, nos cumprimentam, tem campanha na porta e um projeto de trabalho.

Voltando a Freud e a Christine, a terceira pessoa é aquela que diante de um neologismo defeituoso, diante de algo ininteligível, incompreensível, enigmático, ao invés de rejeitar, se deixa siderar, se deixa levar pela luz do que ele reconhece ser um chiste.

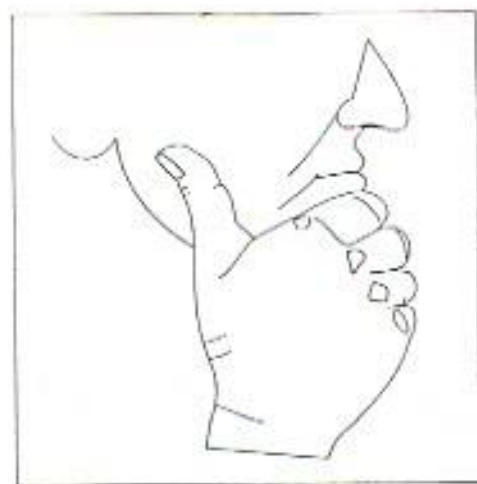
Embora de posse de algum saber como analistas, é a clínica, o paciente, nossa escuta, nossa pesquisa que nos leva à teoria e a um retorno à prática. Finalizo com uma frase de Christine: "A psicanálise do autismo ensina que não é para interpretar com o nosso saber, é para ouvir".

Ana Maria Siqueira Leal

DOS SETORES

COMISSÃO COORDENADORA GERAL I

BALANÇO DE UM ANO E MEIO DE GESTÃO



Após um ano e meio de gestão desta Comissão Coordenadora Geral, impôs-se a nós a tarefa e a vontade de partilhar com os membros do Departamento algumas reflexões.

Partimos de uma revisão das atas de reunião desde o início da gestão, movimento que delineou-nos uma interrogação básica: qual tem sido, na prática, a função desta Coordenação?

Estatutariamente, define-se como função da Comissão Coordenadora Geral:

- 1) decidir sobre a compatibilidade do funcionamento das atividades com os princípios do Departamento.
- 2) articular e integrar os diversos Setores no que diz respeito à sua implantação.
- 3) convocar e organizar Assembléias.

Na revisão do trabalho efetuado, apreendemos algumas situações.

- 1) encaminhamentos administrativos (secretaria, finanças, anuidades).
- 2) atendimento de demandas que chegam

de outras instituições diretamente para a Comissão: pedidos de intercâmbio (trocas de experiência, atendimento institucional, malas diretas).

- 3) reuniões com diferentes Setores do Departamento, a pedido destes, para discutir assuntos ligados ao funcionamento dos mesmos.
- 4) reuniões com diferentes Setores, a pedido da Comissão, para discussão dos trabalhos e/ou encaminhamentos dos Setores.

A prática em torno destes quatro tipos de atividades tem nos apontado questões e problemas importantes de serem enfrentados e que dizem respeito tanto a aspectos mais gerais e estruturais da Comissão quanto a aspectos concernentes à dinâmica do Departamento como um todo.

A) QUESTÕES MAIS GERAIS E ESTRUTURAIS

1) A CCG acaba funcionando como representante do Departamento de Psicanálise e, muitas vezes, como árbitro de divergências ocorridas nos Setores. Lembremo-nos, entretanto, que apesar de estatutariamente ela ter sido eleita para uma função tão política quanto esta, ela não se constitui em torno de um projeto atualizado de trabalho, aprovado numa instância coletiva do Departamento, com o qual estaria comprometida e do qual extrairia parâmetros para uma função de representante e de árbitro no julgamento das posições divergentes, relativas ao trabalho dos Setores e a política do Departamento como um todo.

2) Dado o número abrangente de solicitações a que tem que responder, a maior parte do tempo de trabalho da CCG é dispendido nos encaminhamentos de emergência em todos os níveis de atuação, ficando prejudicado o processo de discussão das questões político-ideológicas relacionadas ao Departamento e à

sua inserção no contexto paulista e brasileiro de Psicanálise.

3) Ainda na mesma direção do que foi apontado, ou seja a necessidade de responder a um número grande de solicitações e, portanto, aprisionamento da Comissão ao contexto das emergências, na maioria das vezes os Setores fazem-se manifestar ou são chamados à Comissão apenas quando em presença de problemas insolúveis a nível de Setor. Isto compromete sobremaneira o princípio segundo o qual a CCG deva ser o palco de integração dos Setores e, ao mesmo tempo, espaço de enfrentamento de questões mais globais que por sua vez devem ser levadas de volta aos Setores pelos membros representantes destes.

O que acaba acontecendo é uma total autonomia do Setor que, se por um lado é desejável e saudável, condição mesma de possibilidade de tornar um trabalho mais ágil e eficaz, por outro acaba ge-

rando uma espécie de corporativismo e de fechamento a partir do momento em que o Departamento no seu movimento e nas suas questões mais abrangentes não é vivido como tal no âmbito dos Setores. Daí osustoa a sensação de ameaça vivida pelos Setores em presença de algumas chamadas da CCG para discussão.

4) Uma CCG assim estatuída, somatória de membros dos Setores mais três membros autônomos efetivos e três suplentes, eleita para dois anos de gestão e renovada integralmente a cada eleição, gera uma descontinuidade a nível de concretização do trabalho acumulado e cotidiano do Departamento, que merece ser melhor considerada.

Basicamente, durante o 1º ano de gestão, os novos membros da Comissão "acostumam-se" aos discursos uns dos outros, familiarizam-se com o universo complexo que acaba sendo um Departamento, detectam

afinidades e divergências importantes em relação ao seu espectro de atuação e se dão conta, com espanto, de que a função importante de fomentar uma reflexão e uma explicitação um pouco mais abrangente em torno da nossa identidade enquanto agrupamento (que é referência no sumário psicanalítico brasileiro), resta muito pouco tempo a dedicar. Quando esta clareza emerge, termina a gestão e essa experiência tem sido mais ou menos intransferível: a nova Comissão vai novamente, ter seu

tempo de maturação e, de certa maneira, paralisação do conjunto no que diz respeito a interrogações básicas tipo: em que termos nos definimos ou somos definidos num cenário mais abrangente? Que linha psicanalítica representamos num contexto mais global?

Sabemos que somos reconhecidos como representantes de um modo de praticar e pensar a Psicanálise. Isso parece permanecer ainda como um texto subliminar que reclama maior revelação.



B) QUESTÕES CONCERNENTES À DINÂMICA DO DEPARTAMENTO E AO TÊTE A TÊTE COM OS SETORES.

1) A primeira questão que podemos constatar refere-se ao fato dos Setores não terem concluído e aprovado seus regimentos internos num âmbito coletivo do Departamento.

Quando fomos procurados para discutir dificuldades dos Setores, nos deparamos com o fato de que não estão suficientemente discutidas e assumidas maneiras claras de funcionamento que impeçam a cristalização de lugares de saber e poder e que possibilitem, incentivando de maneira contumaz, uma formação mais integral dos participantes do Setor; formação esta que pode ser alcançada também pela transitabilidade nos diferentes níveis de trabalho de um Setor.

Estamos falando da possibilidade de circulação pelos diferentes lugares de trabalho; de regras claras de possibilidade disso; de incentivo a mudanças e crescimento tanto dos membros quanto do Departamento em seu conjunto.

A Comissão acaba sendo chamada a arbitrar conflitos que seguramente não chegariam a ela se critérios de acesso aos diferentes níveis de trabalho interno ao Setor estivessem democraticamente estabelecidos (aparadas as divergências políticas em torno deles) e aceitos pelo todo.

2) muitas vezes a CCG, diante de chamados dos setores para discussão de dificuldades, se viu às voltas com dois tipos de visão sobre sua intervenção:

– A Comissão funciona como desentrelaçadora e possibilitadora da continuidade dos trabalhos em moldes mais confortáveis, embora a convocação ou a idéia mesma de ter que ir discutir com a Co-

missão tivesse sido vivida como ameaçadora, desagradável e controladora. A Comissão funciona como inibidora de produções sejam elas dos Setores ou individuais.

A nosso ver, estas diferentes visões falam, provavelmente, de diferentes tipos de inserção no Departamento.

No caso da Comissão ser vista como inibidora, poderíamos aventar a hipótese de que um possível chamado a aderir aos princípios estabelecidos pelo Departamento (repostos pela CCG no âmbito destas reuniões), segundo os quais as atividades propostas e desenvolvidas pelos Setores devem visar a ampliação do espaço de formação e atuação dos seus membros de maneira a beneficiar o conjunto dele e não exclusivamente alguns membros em particular, seria vivido como coercitivo?

Esta função que a CCG muitas vezes exerceu, de reafirmar nas discussões os princípios em torno dos quais o Departamento se articulou, tem muito a ver com a questão dos regimentos internos, reguladores da ação dos setores.

Gostaríamos de lembrar que falar de regimento interno não é falar de burocracia e sim da necessidade de explicitação dos canais de participação, das vias de acesso a cada um dos lugares de produção dos Setores e das leis que regem a possibilidade de trânsito por estes lugares e impedem o arbítrio de qualquer natureza.

Pensamos que a formação de analista requer autorização e reconhecimento e que ambos advirão da possibilidade de ocupar diferentes lugares dentro das po-

laridades constituintes do nosso universo de formação: o de aprendiz e de mestre, o de analisando e de analista, o de quem recebe dinheiro por seu trabalho e o de quem sustenta uma atividade com seu trabalho e paga por isso.

O interesse por um "núcleo de formação permanente de analistas" adviria justamente do fato de poder propiciar a seus membros a possibilidade de circulação por estes lugares. (Esperamos que tenha ficado claro aqui, que não estamos falando da necessidade de todos necessariamente passarem pelas mesmas funções, o que seria de um reducionismo atroz).

Vemos que a função da CCG seria também a de propiciar e de preservar essa circulação.

Urge pensar nos entraves institucionais, (entendendo-se por isso também o funcionamento do nosso próprio Departamento) para esta circulação, sem o que permanece comprometida a possibilidade da produção individual ou coletiva em suas várias etapas de realização, pois esta área será sempre passível de se paralisar no campo das desigualdades, substituindo diferenças por antagonismos.

Até aqui, pensamos ter arrolado algumas das questões, sem esgotá-las, apreendidas no decorrer deste processo de trabalho, e estamos nos propondo a organizar uma jornada que englobe essas e outras de fundamental importância para a vida do Departamento a ser realizada proximoamente.

Comissão Coordenadora Geral

DOS SETORES

EVENTOS

Abrir ou fechar espaços abriga em si movimentos intrínsecos à ordem natural dos acontecimentos internos e externos. As transformações políticas e sociais à nível mundial e nacional nos remetem a repensar as estruturas vigentes. Vivemos o século XX marcado por mudanças de rapidez impressionante. O que estava à margem ontem, invade-nos hoje. A ameaça do equilíbrio ecológico é questão que nos afeta e preocupa. O que estava distante de nossa imaginação, hoje está ao alcance da mão. Frente ao caos, em meio ao percurso da

História marcado por quedas e ruínas do que até então considerava-se sólido, abre-se a possibilidade de instalar-se uma nova ordem.

Enquanto psicanalistas lançamos mão do conhecimento teórico e suas reformulações através do exercício da clínica, nos propondo a pensar nossa cultura e nossa inserção enquanto sujeitos em desenvolvimento. Que sujeito é este que emerge em meio a tantas contradições?

Quem ou o que somos?

Neste novo ciclo de Eventos do Departamento de Psicanálise, retomamos te-

mas que há muito nos vem ocupando. Para tanto propomos centrar a programação do 2º Semestre em torno do tema **SUBJETIVIDADE** (ver Calendário).

*Adriana De Bona,
Ana Maria Siqueira Leal,
Jassanan Dias Pastore
Lilian Quintão,
Ma. Stella Sampaio Leite,
Mario Fuks.*

DOS SETORES

GRUPO DE ESTUDOS

A - O Setor Grupo de Estudos nasceu há tanto tempo e só agora, parece começar a caminhar sobre os dois pés.

Nesse intervalo de tempo fomos amadurecendo idéias, formulando questões e revendo nossas posições. Este movimento nos tem possibilitado avançar no perfil participativo que o Setor tem procurado imprimir em suas atividades.

Desde o início, a idéia básica no Setor tem sido essa: **CIRCULAÇÃO**. Circulação de idéias, circulação de atividades, circulação de funções.

O respeito a essa idéia básica busca atingir, em paralelo, outra meta: aquela

da **TROCA** - que a experiência de um possa ser aproveitada por todos e, ao mesmo tempo, enriquecer e fortalecer o Setor e o Departamento.

Parece o paraíso? Nem pensar. Ardua é a trilha que passa pela dissolução de idéias pré-concebidas, certezas reconfortantes, o acolhedor conhecido.

Nesse nosso caminhar ainda hesitante muitas tem sido as ocasiões em que ficamos com a impressão de ter dado um passo para a frente e dois para trás. Perplexidade. É preciso parar, examinar o tropeço, buscar o entendimento... Até agora tem sido possível retomar o

caminho, munidos a cada vez de uma nova compreensão, incluindo mais uma experiência ao nosso acervo.

Quem sabe passa também por esse caminho a nossa formação permanente?

B - Está em formação, um grupo autogerido sobre o tema "Psicose infantil". O grupo pretende trabalhar com o texto de Winnicott "Da pediatria à psicanálise". Horário a combinar

C - Fórum do Setor Grupo de Estudos: toda segunda 4ª feira do mês.

Maria Lucia Bersou

DOS SETORES

CLÍNICA

O setor clínica está vago. A equipe responsável pelos trabalhos que vem sendo desenvolvidos há quatro anos escolheu se retirar. Esta decisão custosa e

difícil foi tomada a partir de um processo de avaliação que perdurou por quase um ano e nós, da equipe, gostaríamos de fazer um breve histórico, assinalan-

do também os pontos principais que nos levaram a tomar tal decisão.

A partir de maio de 1988, um grupo de sete psicanalistas começou a se reunir

para discutir e pensar uma proposta de trabalho para o Setor. A esta altura éramos Clarissa Silbiger, Joelle Gordon, M^a Alívia Guimarães, M^a Antonieta Whately, M^a Auxiliadora Arantes, M^a Silvia Bolguese e finalmente, M^a de Fátima Vicente, que era representante do Setor junto à Comissão Coordenadora Geral, remanescente de um grupo que havia tentado anteriormente propor também um projeto de trabalho para o Setor.

No primeiro ano de trabalho nós voltamos para uma prioridade que era a de conhecer a Instituição na qual pretendíamos nos inserir. Foram muitas discussões, reuniões, a fim de coletarmos o maior número de dados possível a respeito da Clínica Psicológica e suas relações com o Instituto Sedes. Desenvolvíamos assim nossas propostas e explicitávamos nossos princípios fundamentando-os também neste conhecimento cuidadoso e aprofundado da Instituição.

Em junho de 1989 o projeto estava concluído e, após apresentação e aprovação do mesmo pelos membros do Departamento, a equipe foi designada como coordenadora de sua implantação. Durante o período que se estendeu de junho a outubro de 1989 trabalhamos no sentido de viabilizarmos o projeto junto às instâncias do Instituto Sedes: Diretoria e Coordenação da Clínica Psicológica. Basicamente estabelecemos um modo operacional de trabalho, iniciando os atendimentos de pacientes ainda em outubro deste mesmo ano.

Foram dois anos e quatro meses de trabalho propriamente clínico e tínhamos consciência de que necessitaríamos atravessar esta fase de implantação do projeto chegando a sua conseqüente avaliação e adequação aos limites que adviriam, inevitavelmente, desta prática. Nosso princípio fundamental era fazer Psicanálise; abertas a pensarmos e propormos novas práticas, mas nos mantendo estritamente fiéis ao método psicanalítico.

Avaliamos que, exatamente por isso, surgiram importantes questões que se

referiam a nossos princípios por um lado, e aos modos de funcionamento da Clínica Psicológica do Sedes por outro. Ao longo deste tempo viemos processando algumas destas questões e, de fato, dispndemos objetivamente muito tempo de nosso trabalho neste contato com a Instituição. É oportuno esclarecer, sobretudo, que a equipe sempre esteve trabalhando cerca de 10 horas semanais, às vezes mais (sem remuneração), buscando elaborar nossa atividade clínica além de fazer a necessária articulação com a Instituição. A demanda de trabalho, portanto, sempre foi muita intensa e nos deparávamos com o fato de que nem todos os membros da equipe podiam sustentar uma atividade não remunerada que requeria tanto investimento de tempo.

No final de 1989 e início de 1990 a equipe sofre suas primeiras alterações. Deixam de pertencer ao Setor as psicanalistas M^a Auxiliadora Arantes, M^a Alívia Guimarães e Clarissa Silbiger. Neste mesmo período, na tentativa de ampliarmos nossa equipe de trabalho, realizamos um processo de seleção, ingressando assim no Setor as psicanalistas Luciana Cartocci e Rosemary Negrão.

Com a demanda de trabalho crescente sabíamos de antemão que a equipe precisava continuar na direção de sua expansão e fortalecimento e já em setembro de 1990 um novo processo seletivo ocorreu, com a entrada de mais duas psicanalistas M^a Tereza Castelo e Marina Kun Bilenky.

Prosseguimos nossos atendimentos e a partir desta prática específica permaneceríamos trabalhando no sentido de alcançarmos uma inserção institucional efetiva, que estabelecesse condições à equipe para dar continuidade ao serviço que vínhamos implantando. No entanto, por razões pessoais distintas, mas tendo como eixo comum a inviabilidade de manter o ritmo intenso de trabalho que o Setor-Clinica exigia, deixaram a equipe Rosemary Negrão em julho de 1991 e M^a Tereza Castelo em setembro de 1991. Agora, no mês de fevereiro

último, por estar deixando o Brasil por dois anos desliga-se também da equipe Marina Kun Bilenky.

Esta via que procura localizar ainda que parcialmente nossa história é necessária, pois, conta um pouco do nosso caminho e demarca quem fomos e quem somos. A equipe atual que avaliou e optou pela retirada deste projeto de 1989 do Setor-Clinica é composta por Joelle Gordon, Luciana Cartocci, M. Antonieta Whately, M. de Fátima Vicente e M. Silvia Bolguese.

Cabe agora ressaltar que nossa decisão se refere a aspectos diversos que se inter cruzam:

1) - A interlocução possível da equipe com o Instituto Sedes que visava prioritariamente discutir e apontar direções para entraves de natureza clínica que foram surgindo, não produziu o efeito esperado que era o de garantir condições analíticas para o atendimento de nossos pacientes. Constatamos que a Clínica Psicológica do Sedes está estruturada como lugar de triagem e encaminhamento de pacientes às demandas dos cursos e/ou para fora do Sedes. Os pacientes não devem permanecer muito tempo na Instituição o que mostra nitidamente que as questões clínicas são tomadas de pontos de vista distintos.

2) - Não foi possível durante esses quatro anos a criação de condições que viabilizassem a permanência e estabilidade de uma equipe que necessitava trabalhar 10 horas semanais no mínimo. O Instituto Sedes jamais explicitou um posicionamento ou interesse de avançar nesta questão essencial e a não remuneração terminou por desfalcocar a equipe além de dificultar o seu crescimento.

3) - Ao Departamento como um todo fica a necessidade de continuar avançando nas suas relações institucionais com o Sedes, sob pena de chegarmos a outros "becos sem saída". O fato do Departamento não ter claramente definida sua inserção no Instituto, dificulta e muito a movimentação institucional necessária a cada Setor. Na verdade, a inserção do Setor Clínica a nível do Sedes não pode se efetivar.

Finalizamos desejando ainda realfirmar a importância imensa que teve para todas nós este longo trajeto. Temos questões demarcadas e queremos aprofundá-las com o objetivo de chegarmos a uma produção escrita que abra uma ampla reflexão a partir do que foi o nosso trabalho. Assim, que tivermos elaborado algo neste sentido gostaríamos de contar com os nossos

interlocutores do Departamento.

E aqui nos despedimos,

Joelle Gordon

Luciana Cartocci

Maria Antonieta Whately

Maria de Fátima Vicente

Maria Sílvia Bolguese

ANA MARIA SIGAL

Comunica o novo número de telefone de seu consultório.

67-7469

DOS SETORES

COMISSÃO CO ORDENADORA GERAL II

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DO TRABALHO ADMINISTRATIVO DO DEPARTAMENTO

A tarefa de administrar o Departamento no que diz respeito à Tesouraria tem sido desgastante embora riquíssima na aprendizagem destas questões.

Para entender porque isto ocorre pensamos explicitar como tem sido o nosso proceder administrativo:

- 1) – Acompanhar o funcionamento da Secretaria e verificar as tarefas agendadas pelos Setores e pela Comissão Coordenadora.
- 2) – Acompanhar o movimento de caixa feito pela secretária.
- 3) – Autorizar a liberação de verbas solicitadas pelos Setores, Comissão Coordenadora e secretaria, considerando a disponibilidade de caixa. Quando há dúvidas a questão é encaminhada à Comissão Coordenadora e deliberada em conjunto. (Na prática isto não tem sido tão fácil de resolver. Adiante retomaremos este ponto).

4) – Fazer a previsão orçamentária no início de cada semestre. Para tanto, considera-se os gastos fixos e se faz uma previsão dos gastos móveis, em geral relacionados às despesas dos Setores.

Para que o orçamento necessário ao funcionamento de qualquer atividade seja viável é fundamental considerar dois aspectos:

- 1) Consultar ou informar a Tesouraria ANTES de se efetuar qualquer despesa. No entanto, muitas vezes, são encaminhados pedidos de reembolso, dos mais variados, sem qualquer consulta prévia.
- 2) Fazer previsões orçamentárias se-

mestrais por Setor e encaminhá-los à Tesouraria, evitando-se assim inúmeros desentendimentos e “corre-corres” de última hora.

Por que essas situações acontecem com tanta frequência? Administrar não é o nosso ponto forte e, por isso, o nosso funcionamento é tão atrasado? Penso que não. O funcionamento do Departamento é revelador da forma como ele se constituiu: esforços e iniciativas individuais e grupais foram necessários para que ele vingasse e, assim, toda a área administrativa se organizou de modo bastante caseiro. Hoje vivemos um outro momento. Ainda que determinadas mudanças sejam lentas é preciso atenção para os problemas que se repetem. É necessário e fundamental mais profissionalismo neste âmbito administrativo.

Em relação ao item – autorização de verbas – observamos que algumas vezes a Tesouraria precisa arbitrar em questões que não lhe caberiam absolutamente. Isto ocorre devido a urgência nos pedidos que desta forma não podem respeitar a data das reuniões da Comissão Coordenadora. Pensamos ainda, que estas situações acontecem devido a ausência de um projeto integrado entre os Setores e a Comissão Coordenadora. É fundamental que questões administrativas sejam revistas no âmbito da Comissão Coordenadora Geral, e dos Setores, e que propostas para um modelo

de funcionamento sejam discutidas e levadas à Assembléia, para serem formalmente regulamentadas. Nos nossos Estatutos não há qualquer referência a questões administrativas.

A contribuição dos Setores economicamente ativos é uma pendência a ser resolvida. Esta questão é uma das responsáveis pelo ônus no pagamento das semestralidades. Sem uma contribuição mais efetiva destes Setores (que no primeiro semestre/92 girou ao redor de 5% do faturamento líquido) não é possível formar um fundo de reserva, o que significa trabalhar sem qualquer margem de manobra. A falta de reservas orçamentárias leva a outra difícil questão que é dos membros cuja renda do trabalho tem sido totalmente revertida ao Departamento (como é o caso do Setor de Eventos e Publicações). Neste sentido só será possível continuarmos à frente deste trabalho se a situação descrita for revista com profundidade e medidas modificadoras forem concretamente agilizadas no Departamento.

Se cada um do seu lugar puder rever sua posição será possível dar ao Departamento um caráter mais integrado. Do ponto de vista administrativo não é possível desenvolver o trabalho que cabe à Tesouraria se os Setores funcionarem sob a vertente apenas da autonomia.

Sonia Maria Rio Neves
Tesouraria/Gestão 91-92

CALENDARIO

AGOSTO

Seminário teórico

Tema: O espectro do grande Outro materno
Autora: Marie Cristine Laznik - Penot
 (Assoc. Freudiana de Paris)
Data: 11/agosto/92 (20:30hs.)

Supervisão

Supervisor: Bernard Penot
Data: 12/agosto/92-10:30 às 12:00hs.
Supervisor: Cristine Laznik
Data: 12/agosto/92-14:30 às 16:00hs.

Conferência

Tema: Recusa da realidade
Autor: Bernard Penot
 (Instit. de Psicanálise de Paris)
Data: 13/agosto/92 (20:30hs.)

Mesa-redonda

Tema: "MENORIDADE"
Curta-Metragens: "Rota ABC" de Francisco César Filho,
 "Viver a Vida" de Tata Amaral
 "Dia de Visita" de Reinaldo Pinheiro
 "Histórias de Crianças" de Thales Ab'Saber
 "Ilha das Flores" de Jorge Furtado
Debatedores: Miriam Schneidermann
 Giberto Dimenstein
 Thales Ab'Saber
Coordenadora: Maria de Lourdes Trassi Teixeira
 (Diretoria do Instit. Sedes Sapientiae).
Data: 18/agosto/92 (20:00hs.)
Local: Mis - Museu da Imagem e do Som

Mesa redonda:

Tema: Ética e Política: desafios à prática da cidadania
Debatedores: José Disceu/Mário Fuchs e Samuel Mac Dowell de Figueiredo
Abertura: Madre Cristina
Data: 28/agosto/92 (20:00hs.)

SETEMBRO

Mesa redonda

Tema: História e Subjetividade
Debatedores: Suely Rolnik e Luiz Claudio Mendonça Figueiredo
Data: 17/setembro/92 (20:30hs.)
Local: Instit. Sedes Sapientiae

OUTUBRO

Conferência:

Tema: "O sujeito na época da eclipse da razão"
Autora: Olgaria Mattos
Data: 21/outubro/92 (20:30hs.)
Local: Instit. Sedes Sapientiae

As inscrições devem ser efetuadas com Rose, na secretaria do Departamento de Psicanálise.
 Fone: (011) 262.8024.

Horário: Segundas, quartas e sextas das 14 às 19 horas.

Terças e Sextas das 09 às 17 horas.